

DOMINGO XX DO TEMPO COMUM

CIC 1402-1405: a Eucaristia, “Penhor da futura glória”

- 1402** Numa antiga oração, a Igreja aclama assim o mistério da Eucaristia: «*O sacrum convivium in quo Christus sumitur: recolitur memoria passionis eius, mens impletur gratia et futurae gloriae nobis pignus datur* – Ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória»¹. Se a Eucaristia é o memorial da Páscoa do Senhor, se pela nossa comunhão no altar somos cumulados da «plenitude das bênçãos e graças do céu»², a Eucaristia é também a antecipação da glória celeste.
- 1403** Na última ceia, o próprio Senhor chamou a atenção dos seus discípulos para a consumação da Páscoa no Reino de Deus: «Eu vos digo que não voltarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai» (*Mt 26, 29*)³. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para «Aquele que vem» (*Ap 1, 4*). Na sua oração, ela clama pela sua vinda: «*Marana tha*» (*1 Cor 16, 22*), «Vem, Senhor Jesus!» (*Ap 22, 20*), «que a Tua graça venha e que este mundo passe!»⁴.
- 1404** A Igreja sabe que, desde já, o Senhor vem na sua Eucaristia e que está ali, no meio de nós. Mas esta presença é velada. E é por isso que nós celebramos a Eucaristia «*expectantes beatam spem et adventum Salvatoris nostri Jesu Christi* – enquanto aguardamos a feliz esperança e a vinda de Jesus Cristo nosso Salvador»⁵, pedindo a graça de ser acolhidos «com bondade no vosso Reino, onde também nós esperamos ser recebidos, para vivermos ... eternamente na vossa glória, quando enxugardes todas as lágrimas dos nossos olhos; e, vendo-Vos tal como sois, Senhor nosso Deus, seremos para sempre semelhantes a Vós e cantaremos sem fim os vossos louvores, por Jesus Cristo nosso Senhor»⁶.
- 1405** Desta grande esperança – dos novos céus e da nova terra, onde habitará a justiça⁷ – não temos garantia mais segura nem sinal mais manifesto do que a Eucaristia. Com efeito, cada vez que se celebra este mistério, «realiza-se a obra da nossa

¹ *Na solenidade do santíssimo corpo e sangue de Cristo*, Antífona do «Magnificat» das Vésperas II: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 3 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 502 [*Liturgia das Horas*, v. 3 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 621].

² *Oração Eucarística I ou Cânone Romano*, 96: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.453 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 521].

³ Cf. *Lc 22, 18*; *Mc 14, 25*.

⁴ *Didaké* 10, 6: SC 248, 180 (FUNK, *Patres apostolici* 1, 24).

⁵ *Rito da Comunhão*, 126 [Embolismo depois do Pai Nosso]: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.472 [a tradução oficial portuguesa difere um pouco: «enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador»: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 545]; cf. *Tt 2, 13*.

⁶ *Oração Eucarística III*, 116: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 465 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 543].

⁷ Cf. *2 Pe 3, 13*.

redenção»⁸ e nós «partimos o mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas viver em Jesus Cristo para sempre»⁹.

CIC 2828-2837: Eucaristia, o nosso pão de cada dia

2828 «*Dai-nos*»: como é bela a confiança dos filhos, que tudo esperam do Pai! «Ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e chover sobre justos e injustos» (*Mt* 5, 45); dá a todos os seres vivos «de comer a seu tempo» (*Sl* 104, 27). É Jesus quem nos ensina esta petição que, de facto, glorifica o nosso Pai porque é o reconhecimento de quanto Ele é bom, acima de toda a bondade.

2829 «*Dai-nos*» é também expressão da Aliança: nós somos d'Ele e Ele é nosso, é para nós. Mas este «nós» reconhece-O também como Pai de todos os homens, e nós pedimos-Lhe por todos, solidários com as suas necessidades e os seus sofrimentos.

2830 «*O pão nosso*». O Pai que nos dá a vida não pode deixar de nos dar o alimento necessário para a vida e todos os bens «convenientes», materiais e espirituais. No sermão da montanha, Jesus insiste nesta confiança filial que coopera com a providência do nosso Pai¹⁰. Não nos incita a qualquer espécie de passividade¹¹, mas quer libertar-nos de toda a inquietação ansiosa e de qualquer preocupação. Assim é o abandono filial dos filhos de Deus:

«Àqueles que procuram o Reino e a justiça de Deus, Ele promete dar tudo por acréscimo. Com efeito, tudo pertence a Deus: nada faltará àquele que possui a Deus se ele próprio não faltar a Deus»¹².

2831 Mas a presença daqueles que têm fome por falta de pão revela outra profundidade desta petição. O drama da fome no mundo chama os cristãos que oram com sinceridade a assumir uma responsabilidade efectiva em relação aos seus irmãos, tanto nos seus comportamentos pessoais como na solidariedade para com a família humana. Esta petição da oração do Senhor não pode ser isolada das parábolas do pobre Lázaro¹³ e do Juízo final¹⁴.

2832 Tal como o fermento na massa, a novidade do Reino deve levedar a terra com o Espírito de Cristo¹⁵. Há-de manifestar-se pela instauração da justiça nas relações pessoais e sociais, económicas e internacionais, sem nunca esquecer que não há nenhuma estrutura justa sem homens que queiram ser justos.

2833 Trata-se do «nosso» pão, de «um» para «muitos». A pobreza das bem-aventuranças é a virtude da partilha. Ela convida a comunicar e a partilhar

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

⁹ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios*, 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

¹⁰ Cf. *Mt* 6, 25-34.

¹¹ Cf. *2 Ts* 3, 6-13.

¹² SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 21: CCL 3A, 103 (PL 4, 551).

¹³ Cf. *Lc* 16, 19-31.

¹⁴ Cf. *Mt* 25, 31-46.

¹⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 5: AAS 58 (1966) 842.

os bens materiais e espirituais, não por coacção, mas por amor, para que a abundância de uns remedeie às necessidades dos outros¹⁶.

2834 «Ora e trabalha»¹⁷. «Orai como se tudo dependesse de Deus, e trabalhai como se tudo dependesse de vós»¹⁸. Tendo nós feito o nosso trabalho, o alimento continua a ser uma dádiva do nosso Pai; é bom pedir-Lho dando-Lhe graças por ele. Tal o sentido da bênção da mesa numa família cristã.

2835 Esta petição e a responsabilidade que comporta valem também para outra fome de que os homens morrem: «O homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que sai da boca do Deus» (Mt 4, 4)¹⁹, quer dizer, da sua Palavra e do seu Sopro. Os cristãos devem mobilizar todos os esforços para «anunciar o Evangelho aos pobres». Há uma fome na terra que «não é fome de pão nem sede de água, mas de ouvir a Palavra do Senhor» (Am 8, 11). É por isso que o sentido especificamente cristão desta quarta petição tem a ver com o Pão da Vida: a Palavra de Deus, que deve ser acolhida na fé, e o corpo de Cristo, recebido na Eucaristia²⁰.

2836 «Hoje» é outra expressão de confiança. É o Senhor que no-la ensina²¹; a nossa presunção não poderia inventá-la. Tratando-se sobretudo da sua Palavra e do corpo do seu Filho, este «hoje» não é somente o do nosso tempo mortal: é o «Hoje» de Deus:

«Se em cada dia recibes o pão, cada dia é hoje para ti. Se Cristo é para ti hoje, todos os dias Ele ressuscita para ti. Como é isso? “Tu és o Meu Filho, Eu hoje Te gerei” (Sl 2, 7). Hoje quer dizer: quando Cristo ressuscita»²².

2837 «De cada dia». Esta palavra «*epiúsios*» não é usada em mais lado nenhum no Novo Testamento. Tomada num sentido temporal, é uma repetição pedagógica do «hoje»²³ para nos confirmar numa confiança «sem reservas». Tomada no sentido qualitativo, significa o necessário para a vida e, de um modo mais abrangente, todo o bem suficiente para a subsistência²⁴. Tomada à letra (*epiúsios*, «sobre-substancial»), designa directamente o Pão da Vida, o corpo de Cristo, «remédio de imortalidade»²⁵, sem o qual não temos a vida em nós²⁶. Enfim, ligado ao antecedente, é evidente o sentido celestial: «este dia» é o do Senhor, o do banquete do Reino, antecipado na Eucaristia que é já o antegozo do Reino que vem. É por isso conveniente que a liturgia Eucarística seja celebrada em «cada dia».

«A Eucaristia é o nosso pão de cada dia [...]. A virtude própria deste alimento é a de realizar a unidade a fim de que, reunidos no corpo de Cristo, tornados seus membros,

¹⁶ Cf. 2 Cor 8, 1-15.

¹⁷ Da tradição beneditina. Cf. SÃO BENTO, *Regra* 20;48: CSEL 75, 75-76.114-119 (PL 66, 479-480.703-704).

¹⁸ Dito atribuído a Santo Inácio de Loyola; cf. PETRUS DE RIBADENEYRA, *Tractatus de modo gubernandi sancti Ignatii*, c. 6, 14: MHSI 85, 631.

¹⁹ Cf. Dt 8, 3.

²⁰ Cf. Jo 6, 26-58.

²¹ Cf. Mt 6, 34; Ex 16, 19.

²² SANTO AMBRÓSIO, *De Sacramentis*, 5, 26: CSEL 73, 70 (PL 16, 453).

²³ Cf. Ex 16, 19-21.

²⁴ Cf. 1 Tm 6, 8.

²⁵ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios* 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

²⁶ Cf. Jo 6, 53-56.

sejamos o que recebemos. [...] E também são pão de cada dia as leituras que em cada dia ouvís na igreja; e os hinos que escutais e cantais, são pão de cada dia. Estes são os mantimentos necessários para a nossa peregrinação»²⁷.

O Pai celeste exorta-nos a pedir, como filhos do céu, o Pão celeste²⁸. Cristo «é Ele mesmo o Pão que, semeado na Virgem, levedado na carne, amassado na paixão, cozido no forno do sepulcro, guardado em reserva na Igreja, levado aos altares, fornece cada dia aos fiéis um alimento celeste»²⁹.

CIC 1336: escândalo

1336 O primeiro anúncio da Eucaristia dividiu os discípulos, tal como o anúncio da paixão os escandalizou: «Estas palavras são insuportáveis! Quem as pode escutar?» (*Jo* 6, 60). A Eucaristia e a cruz são pedras de tropeço. É o mesmo mistério e não cessa de ser ocasião de divisão. «Também vos quereis ir embora?» (*Jo* 6, 67): esta pergunta do Senhor ecoa através dos tempos, como convite do seu amor a descobrir que só Ele tem «palavras de vida eterna» (*Jo* 6, 68) e que acolher na fé o dom da sua Eucaristia é acolhê-l'O a Ele próprio.

²⁷ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 57, 7, 7: PL 38, 389-390.

²⁸ Cf. *Jo* 6, 51.

²⁹ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermão* 67, 7: CCL 24A, 404-405 (PL 52, 402).